



*'Rádio' (à direita) vive seu sonho com a equipe de futebol americano*

Ele podia ter ido parar numa instituição de deficientes. Em vez disso, encontrou uma família e um objetivo num lugar inesperado

**C**OMECEMOS COM o sujo, desganhado garoto de 18 anos descendo a colina com o carrinho de compras, gritando como um louco, tendo no ouvido um rádio transistor. Nunca ninguém brinca com ele, pois mal pode falar e não entende regras. Não lê nem escreve. Precisa ser internado. É o que dizem à sua mãe.

# *Alguém com quem contar*

GARY SMITH  
DA REVISTA SPORTS ILLUSTRATED

Desde garotinho, aonde James Robert Kennedy ia o rádio ia junto, até que começaram a chamá-lo de *Rádio*. Dali saía voz humana, a única que ouvia quando a mãe, Janie Mae Greenlee, ia limpar e cozinhar no hospital ou nas escolas locais.

Certo dia, no outono de 1964, o garoto pára e vai assistir ao treino do time de futebol da escola T. L. Hanna em Anderson, Carolina do Sul.

Subitamente, os jogadores ouvem sons e olham. O garoto comanda o próprio time, que só ele podia ver, através de uma série de exercícios e manobras, esforçando-se ao máximo para imitar os sinais e comandos do técnico. Os jogadores dão risadas; é uma distração. Harold Jones, o jovem técnico, vira-se e olha também.

– Venha cá – ordena.

EM MUITOS PAÍSES onde as cidades têm praças, cafés, bares e açougues próximos às residências, há lugares para que portadores de deficiências se misturem aos vizinhos, que cuidam e zombam deles, fazendo com que se sintam parte de algo maior e tornem-se personagens locais, e não aberrações. Nos Estados Unidos, esses lugares desapareceram ou nunca existiram, e pessoas como *Rádio* terminam em casas atrás de muros, vivendo com estranhos como eles, ou resmungando pelas ruas de grandes cidades, desolados e em trapos.

Mas há um lugar raramente notado, onde ainda existem pessoas cujas mentes trabalham em velocidades e ângulos diferentes das outras, nicho que nenhum sociólogo imaginou – o

atletismo escolar. É possível encontrar deficientes perto das quadras e nas arquibancadas de todo o país. Nenhum mais amado ou mais lendário do que *Rádio*.

Ele acorda todas as manhãs antes das 6 horas e, incapaz de dizer as horas, tem de ser impedido pelo irmão mais velho ou pela cunhada de sair em disparada para o ponto do ônibus. É a primeira das 15 pessoas do ponto a pular no ônibus. Salta em frente à T. L. Hanna. Entra e sai das aulas o dia todo, tomando copiosas notas – série de rabiscos – e entusiasmando-se ao final de cada período, quando recebe o boletim como os outros. Com a mochila repleta de bolas de futebol sobre os ombros, corre para a quadra depois da aula. Os jogadores esfregam-lhe a cabeça como se *Rádio* desse sorte, e riem quando ele começa a dar comandos malucos, usando gírias e veementes sinais defensivos.

– Rala daí, cara! Não entende? Vai nessa! Como é, *rapá*?

– Certo, *Rádio*.

– Humm?

– Tem razão, *Rádio*.

– O quê? Humm?

Às vezes, *Rádio* os faz subir pelas paredes. No entanto, cada momento de raiva vale a pena, quando o treino acaba e os técnicos sentam-se em volta de *Rádio*, competindo para ver quem pode recontar sua última anedota. Cada frase de *Rádio* é para eles uma vitória, porque sabem que o amor e a atenção que demonstram por ele, há décadas, deram uma voz ao garoto.

Talvez o instrutor Jones conte a his-

tória de meados dos anos 80, quando era também técnico do time de corrida, e levou *Rádio* para o revezamento de dia inteiro, em Rock Hill. Ficou horas sem saber o que lhe acontecera, só descobrindo ao voltar para o ônibus, ao término do encontro. Lá estava *Rádio*, deitado nos assentos da frente, morrendo de dor e suando muito, ao lado do isopor sem os 30 sanduíches de rosbife e sem os refrigerantes do lanche dos garotos.

– Como *tava* bom!

Esse fato inevitavelmente leva à história de quando roubou todo o queijo da cantina da escola e despejou enorme quantidade de *cheddar* em cima da alface.

– Queijo combina com salada! – explicou.

Nunca se disse o nome da deficiência de *Rádio*. É, sem dúvida, genética. Também a possuem o pai, a quem pouco viu desde os primeiros anos de vida, e *Cool Rock*, o irmão dois anos mais novo, com quem divide o quarto. *Cool Rock* ainda não é compreendido quando fala. Nunca foi adotado por um time.

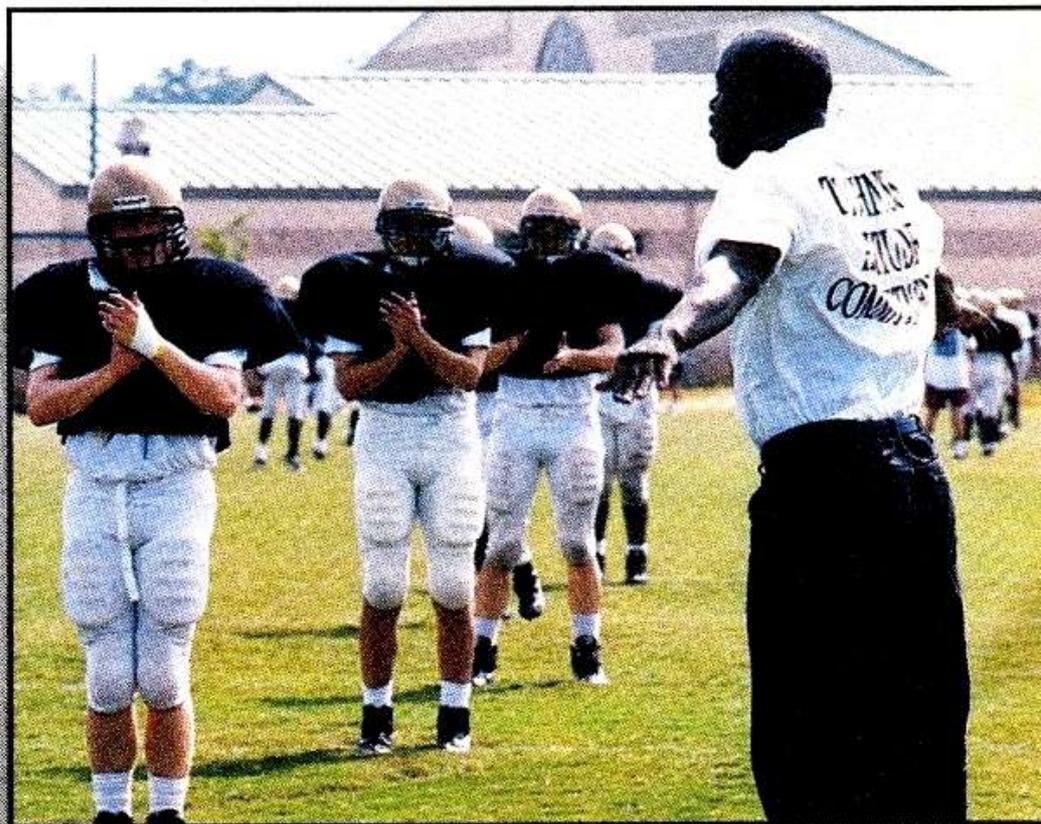
– QUAL O MEU NOME? – perguntou Jones quando ele e o colega Dennis Patterson começaram a atrair *Rádio* cada vez mais com garrafas de refrigerantes, naquele outono de 1964.

– Lembra-se do que eu disse ontem?

– Ionsmifflojowu.

– Tente outra vez. Dou esta garrafa toda se você disser: *Instrutor Jones*.

O que fez Jones convidar o garoto arredio a ir a um jogo, para ajudar a carregar caixas de isopor e depois pular na caminhonete para a carona de volta? Afinal, todos tinham conhecimento de que o instrutor era homem rigoroso e calmo, que raramente de-



'*Rádio*' faz de tudo: pode ser um entusiasmado técnico, comentarista ou chefe de torcida

monstrava afeto ou emoção. Ninguém sabia que, quando criança em Anderson, ele brigava com quem mexesse com o menino problemático que morava do outro lado da rua, e que, quando trabalhava no cinema do pai, deixava entrar de graça o deficiente mental parado na porta, pondo-lhe um saco de pipoca nas mãos.

Assim, *Rádio* começou a acompanhar o instrutor e seu time aonde quer que fossem, bem como a ganhar reno-

me. No intervalo, entrava em campo e curvava-se da mesma forma que um centroavante, gritando sinais absurdos, pegando a bola para si e tumultuando. Não encontrando ninguém a não ser ele próprio, *Rádio* atirava a bola para *Rádio*, levando a multidão ao delírio. Logo os técnicos o convidavam para a escola nos dias de jogos, dando-lhe tênis, camiseta e calção, para que pudesse fazer ginástica com os outros. Em pouco tempo, *Rádio* os acompanhava nas aulas de Ciências, História e Estudos Sociais. Claro, provavelmente infringia alguma lei e, sem dúvida, expunha a escola a todo tipo de responsabilidade.

Mas o olhar de um técnico – ameaça de que seria expulso do time se não se comportasse – era tudo de que precisava para andar na linha. O diretor não tinha opção, a não ser aceitá-lo como parte da escola. “Os alunos *matam-me* se o expulsar”, diz o atual diretor, Mike Sams. Eles adoravam seu jeito impetuoso de correr nas aulas de Educação Física. Gostavam demais do modo como esfregava a cara vincada e suspirava “Whoooo!” nas provas de História, como que em profunda consternação diante da complexidade das questões, e depois preenchia cada espaço com rabiscos.

*Rádio* devorava o café da manhã e dois almoços por dia na cantina. Quando terminava, limpava as mesas com suas longas luvas de borracha amarela e fazia serviços para os professores de toda a escola. Interrompia assembleias cansativas e comícios tediosos, levantando-se do lugar para um daqueles movimentos engraçados que faziam os alunos aplaudir e gritar.

Só melhorou quando foi levado para a unidade naval e começou a vestir uniforme militar às quartas-feiras. Que figura, de branco, azul-marinho e fitas de mérito, correndo para a aula especial e sacando os lápis para colorir durante dez ou 15 minutos! Depois, fechava a porta e subia a escada, dois degraus de cada vez, para inspecionar os corredores: “Vai aonde, cara? *Peraí!* Não corra no saguão! Ei, gatinha! Gostei de você!”

Era bom demais para limitar-se ao outono. Então, *Rádio* tornou-se chefe dos times de basquete e corrida também. Como podia Jones resistir quando *Rádio* surgia nas reuniões com aquela cara de *pidão* e implorava para correr? E assim, apesar de responsável pelo time que ganhara nove títulos estaduais entre 1970 e 1992, Jones às vezes deixava o técnico adversário de lado e pedia para *Rádio* entrar no aquecimento. De tênis e short como os outros, disparava nas primeiras filas, exibindo-se diante da arquibancada e diminuindo para uma caminhada, ou parando repentinamente para ajeitar as meias, numa curva onde ninguém estivesse prestando atenção.

O instrutor Jones levava *Rádio* ao médico, controlava sua dieta quando havia problemas de pressão alta e colesterol, e certificava-se de que suas contas médicas e dentárias se encontravam pagas. “*Rádio* estaria morto se não fosse o instrutor Jones”, diz o assistente Terry Honeycutt. Os jogadores que moravam perto de *Rádio* marcavam os valentões que mexiam com ele, e alguns do time lhe ofereciam sempre hambúrguer e porção de fritas

em dia de jogo. Sem saber que *Rádio* escondia a comida na sacola, cada um, orgulhosamente, acreditava ter sido o único a fazê-lo.

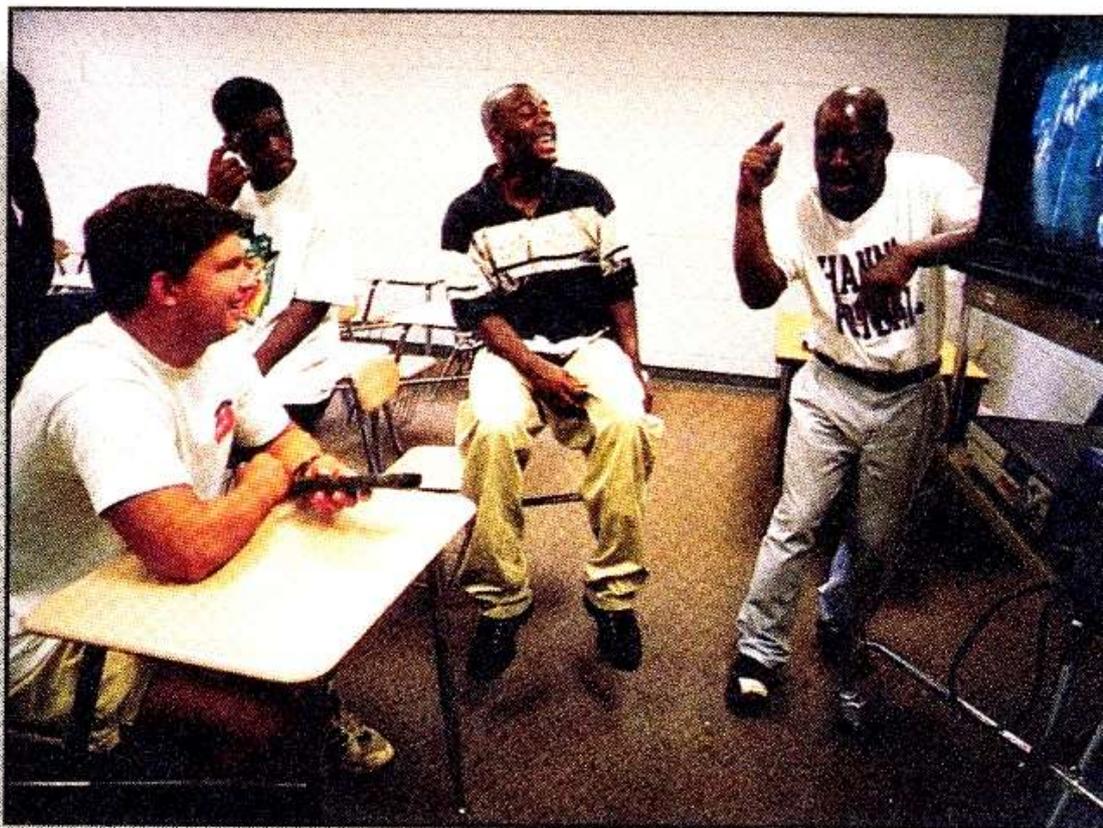
Certo dia, quando a carteira quase sempre vazia de *Rádio* foi roubada na escola, todos os jogadores formaram equipes de vigia, e os técnicos logo compraram uma carteira nova, com medo de que o culpado fosse achado pendurado num duto de ventilação.

Só uma vez, há 22 anos, *Rádio* perdeu o jogo. Foi pouco depois de o técnico e ele obterem suas promoções para a equipe principal da escola. Naquela época, sendo apenas assistente, Jones nada pôde fazer quando o técnico principal decidiu que o ônibus estava cheio demais para levar *Rádio* a Northwestern High. Mas a visão de *Rádio* cabisbaixo, em pé, sozinho

no estacionamento da escola, lágrimas rolando pelo rosto, seguiria o técnico para sempre, assim como a derrota daquele dia. “Daqui em diante, ele será o primeiro do ônibus”, jurou o técnico principal naquela noite. Quando a equipe dos Camisas Amarelas de T. L. Hanna – com *Rádio* liderando-os em campo – chegou à final estadual naquele ano, a posição de *Rádio* estava garantida para sempre.

Imagine, só por um instante, que

um dia você pudesse ir ao jogo de futebol e jogar em todas as posições, ser *todo mundo* no estádio inteiro. Era o que *Rádio* fazia em *todos* os jogos. Começava abrindo o programa do Hanna para que os torcedores vissem sua foto. Depois, juntava-se à banda para marchar, voltando rapidamente para devorar um cachorro-quente grátis, e correr para ser comentarista de rádio,



*Os jogadores se divertem muito com as animadas narrações de 'Rádio' diante da televisão*

clamando nas ondas: “Vamos ganhar desses caras!” De repente, lembrava-se de que também era instrutor do time, e entrava em campo para gritar instruções durante o aquecimento: “Gire esse pescoço, garoto!” Ia ainda para as arquibancadas ‘filar’ pipoca e dar autógrafos rabiscados.

Nas duas horas seguintes, levado pelo impulso, seria: o líder da banda, comandando a melodia; o chefe de torcida, balançando pompons; treina-

dor do time, massageando cãibras das panturrilhas dos jogadores; o namorador atirando pipoca nas pernas das líderes de torcidas; o tocador de tambor do intervalo; o garoto da água, lançando garrafas às vezes vazias, às vezes cheias; o técnico fazendo sinais defensivos na linha de ataque. Tudo aos gritos da torcida, de ex-alunos de cabelos brancos a crianças: “Rádioooooo, venha cá!”

Não precisava mais pagar para comer ou ir a qualquer lugar em Anderson. Havia sempre refeição grátis ou carona. Na história dos arremessos, já houvera a possibilidade de alguém como ele ser conhecido e amado aonde quer que fosse? E, se havia espaço para *Rádio*, então quem não seria incluído, quem não seria bem-vindo à comunidade nas grandes reuniões semanais? Era a mensagem que sua presença enviava a todos aqueles que se sentiam um pouco estranhos e diferentes.

*RÁDIO FEZ 50 ANOS* em outubro de 1996. Saltou pelos corredores do T. L. Hanna High recolhendo presentes e saudações de aniversário. Foi preciso todo o banco da caminhonete do técnico Jones para levar os presentes para casa, assim como em outros aniversários e nos Natais que comemorou na escola nos últimos 32 anos.

Num dia de agosto, há dois anos, al-

gumas semanas antes de a escola abrir, o técnico Jones recebeu um telefonema. A mãe de *Rádio* morrera de ataque cardíaco no meio da noite, e ele estava arrasado de tristeza. Certamente, com a morte da mãe, teria de ficar num abrigo para deficientes.

O técnico sempre se preocupava com o que aconteceria a *Rádio* quando a mãe morresse. Reuniu a equipe e, naquele dia, levaram uma grande bandeja de comida à casa de *Rádio*. Um a um, os técnicos abraçaram-no e choraram com ele. Se pudesse esperar até que os treinos começassem novamente, e se o irmão mais velho, Walter Lee Kennedy – único dos três filhos de Janie Mae Greenlee que não nascera portador de deficiência – e a mulher, Pat, cuidassem de *Rádio* depois da escola, então Hanna High faria o resto. E foi o que aconteceu.

Os verões, porém, ainda são a época mais difícil para *Rádio*. Se um viajante se perder na Carolina do Sul em julho ou agosto, e for parar perto do campo de treinos do Hanna High, verá uma figura solitária, cabelos agora salpicados de branco, gesticulando vigorosamente no ar, gritando: “Tudo bem, amanhã é quinta, lindo dia! Tragam seus shorts e camisetas, e estejam aqui no campo às quatro. Entendido, garotos?”

Apenas sorria e acene. É *Rádio*, vivendo seu sonho.



PROFESSOR UNIVERSITÁRIO para a turma de Física:

– Que acontece quando um corpo está imerso na água?

Resposta de um estudante:

– O telefone toca.